

SILÊNCIOS E GRITOS DO MEU CORPO-SENTIDO: O QUE FICA RETIDO NOS ABORTAMENTOS E LUTOS NA PÓS-GRADUAÇÃO?

*SILENCES AND SCREAMS OF MY SENSE OF THE BODY: WHAT IS
RETAINED IN ABORTIONS AND GRIEFS IN POST GRADUATION?*

*SILENCIOS Y GRITOS DE MI SENTIDO DEL CUERPO: LO QUE SE
RETIENE EN LOS ABORTOS Y EL DUELO EN LA ESCUELA DE
POSGRADO?*

VERIDIANA NORONHA VACCARELLI

Doutora em Ensino em Saúde/Clínica Médica da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisadora no Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – Campinas – SP.

<https://orcid.org/0000-0002-3915-7692>

<https://lattes.cnpq.br/0636049548087103>

verivccarelli@gmail.com

GUSTAVO ANTONIO RAIMONDI

Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor Adjunto do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Uberlândia – MG.

<https://orcid.org/0000-0003-1361-9710>

<http://lattes.cnpq.br/8042687654173704>

gustavo_raimondi@ufu.br

NELSON FILICE DE BARROS

Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor Titular de Ciências Sociais Aplicadas à Saúde do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – Campinas – SP.

<https://orcid.org/0000-0002-2389-0056>

<http://lattes.cnpq.br/8959248979572637>

nelfel@uol.com.br

Recebido em: 17/08/2025 Aceito em: 29/01/2026 Publicado em: 17/09/2026

Resumo

Este trabalho busca delinear novos olhares e sentidos sobre a experiência silenciosa de abortamentos retidos e lutos, (re)vividos na pós-graduação durante a pandemia da covid-19, de modo a ampliar fronteiras e contar afetações que atravessaram/atravessam meu corpo e tantos outros. A partir de um cenário de incertezas e tensões, a autora pode (re)viver lutos encruados nas entranhas. Lutos que puderam emergir pelo contato com a certeza da morte ou a fragilidade da vida que a pandemia nos obrigou a pensar. Por meio do exercício de uma escrita autoetnográfica performática, escutei minhas dores que puderam ser acolhidas pelos conhecimentos (in)corporados do yoga, potencializando

questionamentos sobre a hegemonia da vivência silenciosa ou naturalizada das perdas. Estes silêncios e gritos representam marcas de um corpo sentido, cheio de sinais. Sinais que possibilitaram questionamentos sobre os silenciamentos dos corpos, as experiências que manifestam disputas de poder e os desafios de se efetivar a justiça social. As experiências pessoais da autora, contribuem/contribuíram com um desvelar de aspectos da vida cotidiana sociopolítica-cultural, partindo do pessoal para o político, borrando fronteiras com outras histórias, com a possibilidade de ampliação das experiências e possíveis deslocamentos do poder hegemônico a partir da vocalização de silêncios e gritos.

Palavras-chave: luto; autoetnografia; Educação Superior; yoga; fronteiras.

Abstract

This work seeks to outline new perspectives and meanings on the silent experience of retained abortions and mourning, (re)lived in graduate school during the Covid-19 pandemic, in order to expand borders and tell affectations that crossed/cross my body and so many others. From a scenario of uncertainties and tensions, the author can (re)live grief in the guts. Grief that could emerge through contact with the certainty of death or the fragility of life that the pandemic forced us to think about. Through the exercise of a performative autoethnographic writing, I listened to my pains that could be welcomed by the (in)embodied knowledge of yoga, enhancing questions about the hegemony of the silent or naturalized experience of losses. These silences and screams represent marks of a felt body, full of signs. Signs that made it possible to question the silencing of bodies, the experiences that manifest power disputes and the challenges of achieving social justice. The author's personal experiences contribute/contributed to an unveiling of aspects of socio-political-cultural daily life, starting from the personal to the political, blurring boundaries with other histories, with the possibility of expanding experiences and possible displacements of hegemonic power from the vocalization of silences and screams.

Keywords: grief; autoethnography; Higher Education; yoga; borders.

Resumen

Este trabajo busca esbozar nuevas perspectivas y significados sobre la experiencia silenciosa de los abortos retenidos y el duelo, (re)vividos en la escuela de posgrado durante la pandemia de Covid-19, con el fin de expandir las fronteras y contar las afectaciones que cruzaron / cruzaron mi cuerpo y tantos otros. Desde un escenario de incertidumbres y tensiones, el autor puede (re)vivir el dolor en las entrañas. Duelo que podría surgir a través del contacto con la certeza de la muerte o la fragilidad de la vida en la que la pandemia nos obligó a pensar. A través del ejercicio de una escritura autoetnográfica performativa, escuché mis dolores que podrían ser acogidos por el conocimiento (in)encarnado del yoga, potenciando las preguntas sobre la hegemonía de la experiencia silenciosa o naturalizada de las pérdidas. Estos silencios y gritos representan marcas de un cuerpo sentido, lleno de signos. Signos que permitieron cuestionar el silenciamiento de los cuerpos, las experiencias que manifiestan las disputas de poder y los desafíos de lograr la justicia social. Las experiencias personales del autor contribuyen/contribuyeron a develar aspectos de la vida cotidiana socio-política-cultural, partiendo de lo personal a lo político, difuminando fronteras con otras historias, con la posibilidad de expandir experiencias y posibles desplazamientos del poder hegemónico a partir de la vocalización de silencios y gritos.

Palabras clave: duelo; autoetnografía; Educación Superior; yoga; fronteras.

1 Introdução

Pretendo delinear novos olhares e sentidos sobre a experiência silenciosa de abortamentos retidos e lutos, (re)vividos na pós-graduação durante a pandemia da COVID-19, de modo a ampliar fronteiras e contar afetações que atravessaram/atravessam meu corpo e tantos outros. Afetações sobre abortos e lutos que eclodiram ao longo do período de um doutorado, tanto aqueles relacionados à perda gestacional de bebês, quanto os lutos simbólicos e silenciamentos impostos pelo ambiente acadêmico. Tudo aquilo que pôde emergir pelo exercício de uma escrita autoetnográfica performática e ser acolhido pelos conhecimentos (in)corporados em mim. Contar estas afetações, por meio de uma autoetnografia, é trazer para o campo científico relatos sensíveis e vivências corporificadas, de modo a (re)significar estas experiências vividas, com a possibilidade de fazer uma crítica social à naturalização do sofrimento e do silenciamento na pós-graduação, a fim de questionar estruturas hegemônicas que invisibilizam essas experiências. Contar estas afetações é também uma ação (auto)investigativa acadêmica gestada e parida durante o confinamento e as sequelas da pandemia do coronavírus, que impactou fortemente a sociedade no que tange aspectos sociais, políticos, econômicos e emocionais e amplificou o estresse, depressão, frustração e cansaço no ambiente acadêmico (Dias, 2021; Maia; Dias, 2020).

Frustração é uma sensação muito conhecida por pós-graduandas(os). É um sentimento que permeia o ambiente acadêmico, deixando-o nebuloso. Na névoa atravessam a cobrança, a disputa de poder, a competitividade e a falta de (auto)cuidado. Combinação perfeita para o sofrimento mental (Câmara, 2020). Eu conheço o sentimento de frustração. Senti várias vezes durante a pós-graduação, sobretudo no período de isolamento social imposto pela COVID-19. O estado de frustração pode ser dado quando a pessoa se depara com limites impostos pela realidade externa e interna, que a impossibilitam atingir satisfação de uma exigência pulsional (Martino, 2016).

Para mim, frustração é como se fosse um abortamento.

Pulso – abortamento.

Luto.

Perda.....s

Foram muitos abortamentos durante a pandemia da COVID-19. No início e por um bom tempo, só havia, em meus sentimentos e pensamentos, mortes, interrupções nas relações sociais, nos cursos e pesquisas, nas perspectivas para futuro, nos sonhos, nos relacionamentos afetivos, nas atuações governamentais (Dias, 2021). Durante o cenário pandêmico, atravessei fronteiras e (re)vivi (meus) abortamentos (gestacionais) corporificados (em mim) e silenciados por poderes hegemônicos que naturalizam perdas, lutos, frustrações.

2 Método + Lógicas

A escrita autoetnográfica performática tem a intenção de evocar a natureza corporal, sensorial e política da experiência e foi usada como referencial teórico-método-lógica(o) desse manuscrito (Raimondi *et al.*, 2020), com o intuito de fazer um deslocamento do silêncio privado para uma voz pública-coletiva, ao modo das perdas e lutos deixarem de ser desvios à normatividade e tornarem-se narrativas de reconfigurar a existência.

A autoetnografia é uma metodologia de pesquisa qualitativa que busca problematizar as resistências entre o “eu” (auto) e o coletivo (etno) no ato de escrever (grafia). Assim, a autoetnografia combina detalhes de uma narrativa autobiográfica com a análise e interpretações culturais (Ellis; Adams; Bochner, 2011). O texto autoetnográfico performático desafia as normas ortográficas e sintáticas, sobretudo por se propor a construir um conhecimento visceral, que também valoriza e (re)constrói teoria e prática. Uma escrita que expõe e problematiza nossas ambivalências e contradições, no fazer uma pesquisa que almeja promover a justiça social (Raimondi *et al.*, 2020). Trata-se, assim, de um exercício decolonial na produção do conhecimento, que reconhece os corpos implicados como produtores de sentidos. Deste modo, a estruturação e a formatação deste manuscrito autoetnográfico reflete a performance que atravessou meu doutorado, abrindo possibilidade para o formato de uma escrita acadêmica menos tradicional.

3 Fronteiras

3.1 Abortamentos

Questionava-me: vou ter que interromper/abortar minha pesquisa? Como continuarei com a proposta do Programa de Yoga e Meditação para graduandas(os) e pós-graduandas(os) de cursos da área da saúde com aulas presenciais e semanais de yoga e meditação na Faculdade de Ciências Médicas?

Com a rápida implementação de ensino remoto emergencial (ERE) pudemos continuar com as atividades acadêmicas, na maneira do (im)possível. Ainda que isoladas(os), privilegiadas(os) conseguimos remanejar a vida profissional e universitária de modo virtual. Mas, infelizmente, ficou evidente a disparidade da implementação do ERE em diferentes instituições de ensino, o que exacerbou as desigualdades e exclusões sociais no âmbito educacional (Menezes; Costa, 2021).

Uma boa parte da população acadêmica não tinha/tem condições adequadas para continuar com os estudos e pesquisa, tendo que abortar os projetos, por falta de acesso as plataformas digitais, à internet, à dispositivos tecnológicos e a falta de sustento, de sanidade mental, de disposição (Dias, 2021). Além disto, lidávamos com as negligências de setores governamentais ao longo da pandemia, em relação às declarações vigentes no Brasil e no mundo sobre a gravidade do coronavírus (Bentes; Morato, 2021; Pereira, 2023).

A realidade do contexto pandêmico, com uma crise sanitária e social de nível internacional, gerou mal-estar para mim e toda a sociedade estudantil (Bentes; Armani; Nobre, 2024). Neste sentido, a sobrecarga do ambiente doméstico-privado, que também se ajustou para acolher o ambiente de trabalho-público e as relações familiares, nem sempre amigáveis, trouxe desgaste físico-emocional para estudantes universitárias(os) (Barboza *et al.*, 2025; Marinho; Guazina; Zappe, 2023).

Desse modo, os corpos, mediados por dispositivos, são convocados a performar presença, estabilidade e autocontrole, o que reduz a visibilidade das vulnerabilidades reais enfrentadas por estudantes e docentes em ambientes domésticos heterogêneos e muitas vezes

hostis (Máximo, 2021). Neste sentido, o aumento de sintomas como depressão, ansiedade, preocupação, insegurança, falta de motivação e atenção, exaustão pode ser entendido como experiências de sofrimento mental intensificadas pelo cenário pandêmico, que evidenciou a sociedade do cansaço (Bentes; Armani; Nobre, 2024; Han, 2015).

Apesar do cenário de injustiças, tensões, medo, incertezas, isolamento social... Eu consegui fazer ajustes e seguir com minha pesquisa. Para isto, abortei vários desejos, intenções, programações no roteiro do projeto, a fim de compartilhar um programa de cuidado, de modo remoto e ao vivo, no meio do caos da pandemia. Do caos da vida.

Foram muitos ajustes (e compressões)!

Ajuste do tempo.

Ajuste do verbo.

Ajuste do texto.

Ajustes do corpo.

Ajuste do útero.

Ajuste da respiração.

Ajuste da vida.

Foram muitos abortamentos!

Aborto da convivência.

Aborto da motivação.

Aborto das pesquisas

Aborto das aulas.

Aborto de um bebê.

Aborto da alegria.

Aborto de outro bebê.

Aborto dos sonhos.

Pulso – abortamento!

Luto.

Perda.....s

Ao longo da pesquisa adaptada, fiz o exercício da escrita autoetnográfica para expressar o “internamente somático em externamente semântico”, como sugere Spry (2017). Escrevi e submeti para uma revista o artigo autoetnográfico sobre o Programa de Yoga e Meditação oferecido e compartilhado com as(os) estudantes universitárias(os).

Artigo rejeitado!

Aborta esta ideia!

Pulso – abortamento!

Luto.

Perda.....s

Ter artigo rejeitado não era/é um privilégio meu. Fui entendendo o quanto a dinâmica de artigos devolvidos, rejeitados e pós-graduandas(os) frustradas(os) e silenciadas(os) era/é normalizada no ambiente acadêmico. Um ambiente de silêncio sistêmico que encobre o medo, a angústia, a aniquilação de desejos, a repressão (Marinho; Passos; Bittencourt, 2023; Raimondi, 2019). De alguma forma, sentia que parecia, e talvez até seja mesmo, normal, natural e formativo – como já ouvi – este processo. Independentemente dos possíveis ganhos de aprendizado, a naturalização da frustração, o silenciamento do “engole esse choro” parecia-me algo que revela uma certa engrenagem da dinâmica tecnicista do processo de tornar-se um(a) pós-graduanda(o) (Lima, 2008).

Tornar-se um(a) pós-graduanda(o) requer excluir pedaços e fragmentos de memórias e palavras que dançam com o tempo (Moreira, 2008)?

“Questões de sobrevivência pessoal estimulam a produção de conhecimento acadêmico” (Alexander, 2005, p. 433). Afinal, como chama atenção Moreira (2008), somos atravessadas(os) por um mundo em seu devir diferencial, onde pesquisar exige escuta às potências do movimento entre o instituído e o possível.

Mas... as dificuldades institucionais, ou também compreendidas como etapas formativas, se dão desde as fases iniciais do processo de ingresso na pós-graduação *stricto sensu*, como a(re)provação no ingresso, a(re)provação de bolsa de estudo, a(re)provação no Comitê de Ética em Pesquisa, a(re)provação na qualificação, a(re)provação na defesa, a(re)provação nas revistas científicas, a(re)provação... São tantas a(re)provações que definem

a pessoa na academia. São tantos exercícios de poder que classificam, que controlam e silenciam, que naturalizam processos de silenciamento, de perdas, de frustração, com a pecha do processo tecnicista de formação (Lima, 2008; Raimondi, 2019).

Suspiro!

Escrever artigos é uma moeda no âmbito da pesquisa. Artigo aprovado é uma maneira de validação de (re)conhecimento e poder? Ou uma lógica de adoecimento?

Artigos autoetnográficos são muitas vezes rejeitados, porque querem romper com padrões de narrativas e pesquisas hegemônicas (Salvo, 2021). A escrita autoetnográfica se utiliza da vivência pessoal para expressar um mundo sociopolítico-cultural permeado pelas relações de poder, a fim de intervir e mover em direção à crítica social mais abrangente (Raimondi, 2019; Raimondi *et al.*, 2020). É uma escrita que traduz uma força que quebra e rompe significados sedimentados e tradições normativas e nos mergulha de volta nos vórtices da crise (Conquergood, 2002).

Eu mergulhei! Como Moreira (2008), fui *(des)coberta* pela autoetnografia durante uma disciplina da saúde coletiva na pós-graduação, e fui impactada profundamente por ela. Permiti (re)viver dois abortamentos e lutos encruados nas entranhas, que puderam emergir pelo exercício de uma escrita acadêmica autoetnográfica performática, num constante processo de dissolver cristais hegemônicos das entranhas. Memórias enterradas ganharam vida, provocando-me no cotidiano (Moreira, 2008). As memórias vieram para o texto, “convocando a intimidade humana comum de todos” (Diversi; Moreira; Oliveira, 2021, p. 7). Rompi com silêncios. Encarei frustrações. Gritei sobre minhas perdas emudecidas. Era um parir das vísceras: “uma escrita que desafia a preferência acadêmica pelo conhecimento visceral tanto quanto valoriza a construção teórica” (Brilhante; Moreira, 2016, p. 1107).

Como Spry (2006), entreguei-me à autoetnografia a partir de um espaço de frustração e, posteriormente, de sofrimento sufocante!

Escrevi com a mão como extensão do coração, contrariando ideologias de dominação (Diversi; Moreira; Oliveira, 2021).

(Re)vivi abortamentos e lutos antigos.

Vivi o corpo sentido.

Que sente!

Cheio de sinais.

De abortamentos...

Pulso – abortamento!

Luto.

Perda.....s

Descobri ritmos internos ligados às batidas do coração, à respiração, à resistência, à luta pela própria vida. Sinto a batida do coração do bebê no meu ventre. Tinha apenas 11 semanas

TumTuTumTuTumTuTumTuTumtuTumTuTumTuTumTuTumTuTumTuTum

TuTumTu...TumTu...TumTu...Tum...Tum...Tum...Tu...T...

Aquelas batidas ecoaram por todos meus corpos e (re)conheci o pulso de ser mãe.

Desta vez vai dar certo. A segunda gestação.

A primeira gestação, 12 meses antes, não.

Pulso – abortamento!

Luto.

Perda.....s

Aborto

retido.

O feto não se desenvolve normalmente

e

continua no útero.

Pulso – abortamento!

Luto.

Perda.....s

Aborto retido ou perda gestacional retida é definida como a visualização do saco gestacional vazio até a 12ª semana de gestação, ou gestação intrauterina no primeiro trimestre

com perda da atividade cardíaca (Camayo; Martins; Cavalli, 2011). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca 75% das gestações diagnosticadas podem terminar em abortamento, ocorrendo antes das 12 semanas (Fiocruz; Instituto [...], 2015). A perda gestacional pode ser considerada uma complicação comum, principalmente na primeira gestação, e acarreta sérias repercussões sociais, psicológicas e clínicas para as pacientes (Vescovi; Levandowski, 2023). Cada gestação, ainda que com curta duração, provoca transformações e ajustes no corpo da gestante, tanto no campo físico metabólico quanto no campo psicológico (Freitas, 2013; Muza *et al.*, 2013), e com a perda gestacional, o corpo tem que se (re)ajustar de maneira abrupta, com intensas afetações (Assunção; Tocci, 2003; Bousso, 2011).

Imagina, então, um processo de gravidez num corpo que já vivenciou uma ou mais perdas gestacionais?

Imagina, então, um processo de rejeição num corpo que já vivenciou um artigo negado?

Pode significar um grande esforço para a manutenção do equilíbrio físico e psíquico; podendo gerar ansiedade, angústia, medo, insegurança, frustração (Emídio; Giguek, 2019). Um abortamento atinge aspectos relacionados à identidade, valores e expectativas sociais, costumes, mitos (Bousso, 2011).

Aborta esta ideia!

A sociedade impõe uma identidade fixada para a mulher, mulher=mãe; um lugar socialmente construído, que a culpabiliza se as escolhas forem fora da ordem ou se algo sair desta normalidade (Emídio; Giguek, 2019).

A academia impõe uma identidade de produção científica hegemônica, do determinismo, das interpretações binárias de representações da experiência vivida, de ver, pensar e entender o mundo, desmerecendo produções que proponham integrar teoria-prática, pessoal-político, pesquisador(a)-sujeito(a) (Diversi; Moreira; Oliveira, 2021).

São muitas as instituições criadas para ampliar o poder e o controle sobre os corpos e a normalização sobre as identidades. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade (Hall; Woodward, 2000).

E a noção da maternidade como uma função natural da mulher, como uma realização plena do feminino, traz um sentimento de incompletude e inferioridade, num evento de abortamento (Sousa; Lins, 2020).

E a noção de (não)reconhecimento acadêmico por meio de artigos (não)publicados traz um sentimento de inferioridade e frustração, num evento de abortamento desta ideia, deste texto.

Eu fui atingida por abortamentos. Senti nas entranhas.

Na primeira gestação, se a criança não vingar: normal!

Na primeira submissão, se o artigo for rejeitado: normal!

Pode ser comum. E descobri que era.

Mas normal? Normal para quem?

Mais uma reprodução de um discurso hegemônico ocidental da academia, da Escola Médica que tanto ensina sobre procedimentos, pesquisas e doenças?

Seria uma normose?

Normose é a doença de ser normal, ou seja, um conjunto de hábitos considerados normais pelo consenso social que, na realidade, são patogênicos em graus distintos e nos levam à infelicidade, à doença e à perda de sentido na vida (Pierre; Leloup; Crema, 2017). O professor Hermógenes, um dos disseminadores do yoga no Brasil, dizia: Deus me livre de ser normal; Deus me livre desta doença chamada normose (Hermógenes, 2009).

“Mas,
o que acontece
quando a história
começa na ausência?
A partir de uma lacuna,
uma pausa,
um espaço de fronteira?”
(Pollock, 1998, p. 27).

E a segunda gestação também não vingou. Meu segundo bebê não pode nascer de mim.

E o segundo artigo também não foi aceito. Aborta esta ideia!

Pulso – abortamento!

Luto.

Perda.....s

Espera pela eliminação espontânea dos produtos gestacionais retidos no útero ou parte para a conduta ativa? No Brasil, a terapêutica sugerida pelo Ministério da Saúde até a 12ª semana de gestação é a evacuação intrauterina de produtos gestacionais retidos, por vácuo-aspiração seguida ou não de dilatação e curetagem (Brasil, 2015; Camayo, 2011).

As mulheres têm escolha?

As(os) pós-graduandas(os) têm escolhas?

Talvez... mas...

O que fica retido com os abortamentos?

As dores, as impotências, as opressões, as escolhas, as frustrações, as perdas ... são expelidas ou curetadas junto com o feto?

As dores, as impotências, as opressões, as escolhas, as frustrações, as perdas ... são expelidas ou curetadas junto com as rejeições?

Precisa de útero para ser mãe? O que faz uma mulher se sentir mãe? Ter feto desenvolvido dentro do útero?

Mas precisa do silenciamento dos processos de rejeição, reprovação para ser uma pós-graduada?

Quantas formas e fôrmas (Brilhante; Moreira, 2016) nos impedem de parir o melhor de nós?

E com o segundo abortamento retido, vem a busca por doenças.

Novamente a medicina buscava doenças. Erros cromossômicos?

E com a segunda rejeição, vem a dúvida sobre a capacidade de ser...

Novamente, a pós-graduação buscava culpadas(os). Erros formativos?

Os cromossomos também ultrapassam fronteiras. Tem *crossing over* de identidade, ideologia, de cultura... E as hibridações possibilitam a travessia (Anzaldúa, 2005).

3.2 Lutos

Eu fui afetada por lutos. Lutos de bebês que não puderam nascer. Lutos de artigos que não puderam ir para o mundo. Lutos que emergiram do meu corpo ao me colocar disponível para uma escrita autoetnográfica performática. Escrita (re)construída no confinamento de um cenário pandêmico, permeado de lutos não elaborados e não autorizados. Visito lugares de dores, (re)visito meandros do meu corpo. Está lá a dor.

O luto de uma perda gestacional costuma ser silencioso, não autorizado, sem espaço para ser vivido, principalmente quando acontece nas primeiras semanas (Assunção; Tocci, 2003; Emídio; Gigek, 2019). Neste caso, a barriga ainda não demonstra a gravidez, não se considera o feto um bebê em si e não há espaço e incentivo social para uma elaboração simbólica do evento (Muza *et al.*, 2013).

O luto de um artigo que não pode ser parido, costuma ser silencioso, não autorizado, sem espaço para ser vivido.

As narrativas culturais dominantes estabelecem o tempo e o sentir de qualquer luto, sem considerar que é um luto de sonhos não vividos, de expectativas não concretizadas (Sousa; Lins, 2020).

O luto habita dimensões físicas, cognitivas, comportamentais e sociais, num processo dinâmico; é uma resposta multifacetada diante da perda de algo ou alguém, que envolve várias fases, sentimentos, emoções e ações (Kain, 2013). Tristeza, raiva, culpa, ansiedade, desespero, fracasso, baixa autoestima, fadiga, isolamento, entre outros são sintomas apresentados por pessoas enlutadas (Nazaré *et al.*, 2010; Vescovi; Levandowski, 2023).

Cada pessoa digere o luto numa dinâmica psíquica particular, com recursos subjetivos diferentes para lidar com as dores. Cada personalidade, história de vida, perdas anteriores, assim como a rede de apoio, influenciam na maneira de viver o luto (Lemos; Cunha, 2015). O luto resulta na incorporação da perda, de tal modo que a pessoa possa ressignificar as dores. Perdas não elaboradas e não representadas resultam na falta de palavras, de discurso e de compreensão de sentimentos (Sousa; Lins, 2020).

Pausa.

Grito.

Um grito de ecos profundos de meu silêncio e dores.

Fui silenciada? Deixei-me silenciar?

“Uma convulsão de vozes grita em todas as direções” (Brilhante; Moreira, 2016, p. 1109).

Mas cadê minha voz?

“Minha voz, minha escuta e meu fazer se reconhece nas vozes e nos fazeres de tantas pessoas que comigo habitam esse rio de possibilidades” (Oliveira, 2009, p. 75).

Grito.

Nãooooooooo!

Um grito de liberdade.

Liberdade de que e de quem?

Junto ao luto desses bebês, desses artigos, outros lutos emergiram... Parecia-me o luto de muitas criações que não puderam nascer a partir de mim. Foram muitos lutos não elaborados e não autorizados durante a pandemia da covid-19. Os abortamentos e lutos dos empregos perdidos, dos encontros presenciais pausados, das perspectivas, dos amores, das pessoas (Dantas *et al.*, 2020). No Brasil, os lutos foram ocultados, ainda que confirmadas mais de milhares de mortes por dia, devido ao coronavírus (Bentes; Armani; Nobre, 2024; Pereira, 2023). Não pudemos fazer os rituais culturais relacionados ao luto: velar e enterrar os corpos, reuniões de acolhimento para os familiares, reuniões religiosas (Pereira, 2023). Uma pandemia que provocou muitos abortamentos e lutos, determinados por desigualdades político-sociais, que decidiam quem morria e quem tinha direito de acolhimento (Furtado; Cimbleris-Alkmim, Lima, 2022).

Fui/fomos atravessada(as)(os) por muitos lutos, frutos de muitos abortamentos... perdas... frustrações.

3.3 Corpo que sente, atravessamentos, ajustes

Posso contar uma afetação que atravessa um corpo que representa vários outros? Que manifesta as disputas de poder?

É a partir de nossas trajetórias concretas e cotidianas que podemos explicar como os significados são (in)corporados por nós e pelos outros; como nossos desejos e opressões têm sentido nas histórias que nos afetam e que afetamos (Poó Puerto, 2009). O corpo é como um *outdoor* cultural para as pessoas lerem e interpretarem no contexto de sua própria experiência, mas também uma ferramenta crítica de representação, com potencial e agência para interromper narrativas culturais impregnadas em cada um(a) (Spry, 2001).

Dizer corpo é nos fazer um ponto de partida (Poó Puerto, 2009).

Posso então (re)contar esta narrativa de abortamento/luto, a partir do meu corpo que foi submetido a esta experiência? Como uma pesquisadora autoinvestigativa, que coloca seu corpo à frente da pesquisa e vive o campo social, político, emocional do evento (Gama; Raimondi; Barros, 2021; Santos, 2017)? Uma pesquisa realizada no confinamento da pandemia, permeada por lutos?

Posso então (re)contar esta narrativa de abortamento/luto como Carolyn Ellis, em uma de suas autoetnografias que traz a questão do luto familiar, devido à morte acidental do irmão, com o objetivo de atravessar leitoras(os), pesquisadoras(es) que viveram algum tipo de luto e ainda provocar as pessoas com as questões do luto que podem ser vividas por qualquer um(a) (Elis; Adams; Bochner, 2011; Gama; Raimondi; Barros, 2021)?

Sou revestida de vivências, de viagens. “Essas múltiplas viagens que só podem ser definidas através de uma confluência de narrativas, como ela é vivida, revivida, reproduzida e transformada através da memória individual e coletiva” (De Brah, 2011 *apud* Negro, 2014, p. 215).

Ao analisar a experiência do luto por meio desta autoetnografia e (re)viver no corpo as dores dos abortamentos, pude (re)significar os sentimentos, os silenciamentos naturalizados, coisificados como uma engrenagem da experiência social da perda. Olhar um evento de maneira mais ampla, durante a escrita performática e relacionar novos significados, pode ser considerado um processo terapêutico atribuído a autoetnografia (Furtado; Cimbleris-Alkmim; Lima, 2022; Gama; Raimondi; Barros, 2021; Mattos; Santos; Grion, 2024).

Quando a escrita desses lutos me levava para lugares de profunda dor, o conhecimento corporificado do yoga, atrelado à autoetnografia, possibilitou a escuta do meu corpo. Praticar

yoga e meditação durante a produção deste texto me ajudou a aquietar a mente e perceber o corpo que sente, abrindo espaço para nomear os sentimentos. Nomear um sentimento requer criar uma narrativa para um evento, a fim de entender a experiência perdida que ele expressa e inaugurar processos de mudanças (Martino, 2016). O corpo pode ser então compreendido como o local privilegiado para o entendimento, para o conhecimento, para a produção de saber, como sugere Denzin (2014, 2018) sobre a autoetnografia performática.

Praticar yoga e meditação durante a produção deste texto me ajudou a (re)contar esta história. A história de um corpo sentido, cheio de sinais. Quando a escrita desses lutos, vividos no percurso da pós-graduação, levava-me a zonas de dor profunda, o conhecimento do yoga atrelado à autoetnografia possibilitou que eu continuasse. Trata-se de um saber corporificado, em que a respiração, o silêncio e o movimento dialogam com a palavra escrita, compondo uma forma de escuta sensível e ativa do corpo, diante da dor.

A construção do repertório do yoga no meu corpo se deu/dá por meio de vivências e experimentações contínuas, atreladas ao fluxo do pessoal ao político da autoetnografia, de modo que pude usufruir deste conhecimento quando acessava estados corpóreos reativos, para não desmoronar. O repertório do yoga, pensando agora com a autoetnografia, é um (auto)conhecimento que se dá com uma prática continuada, com respeito a subjetividade e a não garantia (Bernardi *et al.*, 2021; Raimondi *et al.*, 2020). A respiração consciente, prolongada e ritmada, possibilitou uma flexibilidade mental e um olhar mais acolhedor para a dor do luto, para o acolhimento da frustração e a vocalização dos gritos emudecidos, que me acometeram durante a pós-graduação, a pandemia e as gestações.

Para representar esse repertório incorporado, lanço mão do termo binômio, amplamente utilizado no campo da saúde para designar a relação entre mãe e bebê no puerpério, vínculo fundamental para o bem-estar físico e emocional de ambos, como reconhece o Ministério da Saúde (Brasil, 2015). Inspirada por essa noção de cuidado, proponho o binômio yoga-autoetnografia como um entrelaçamento de práticas de escuta do corpo e elaboração do sentir, para pesquisar a partir da própria vulnerabilidade e transformá-la em narrativa de pós-graduandas(os), mas não apenas. É nesse entrelaçamento que o corpo dói, mas também conta, sustenta, (re)aprende e (re)significa. Com este binômio, é possível compreender o corpo como

lugar de saber e de cuidado, onde cada postura e respiração e cada palavra escrita compõem um gesto de resistência, um gesto político de desaceler(ação) e de presença radical.

Como binômio, autoetnografia-yoga se tornam uma forma potente de investigação-ação, em que o corpo que escreve é também o corpo que pratica, sente, sofre, grita e se cura. Com este binômio, entendo que o corpo também é um local em que o conhecimento é construído e posso confiar no corpo que aprende e desaprende no processo de sentir (Raimondi, 2019). Ambas envolvem um movimento de dentro para fora e de fora para dentro, um trânsito entre a intimidade e o mundo, entre o micro e o macro, o pessoal e o político.

Praticar o binômio yoga-autoetnografia me ajudou a entender o corpo como um local de performatividade e de fluxo histórico, que quer ultrapassar as normas (Nunes, 2021; Spry, 2017). Corpos que subvertem o controle entendem novas formas de estar no mundo (Raimondi; Moreira; Barros, 2019). Esse binômio propõe uma epistemologia encarnada, que coloca o corpo como lugar de saber e não apenas de observação, que exige disponibilidade para a escuta dos silenciamentos, das vulnerabilidades, das fissuras, dos incômodos, das tensões e das sutilezas e das gargalhadas. Um binômio que desafia dicotomias entre razão e emoção, objetividade e subjetividade, mente e corpo, oferecendo uma via para pensar o cuidado coletivo, a saúde e a pesquisa como práticas éticas e transformadoras (Diversi; Moreira; Oliveira, 2021; Mattos; Santos; Grion, 2024; Pantoja; Chiesa, 2022).

Um binômio que pode ampliar possibilidades...

“Onde há possibilidades, há chance de mudanças” (Raimondi *et al.*, 2020, p. 10).

4 (In)conclusão

Embora exausta, sobre(vivi) à pós-graduação, na pandemia!

Meu corpo estava/está cheio de sinais de cansaço, frustrações, abortamentos, lutos...

O que regula meus ouvidos e olhos que me impede de atravessar ou me deixar ser atravessada por outras falas? Do que eu quero e consigo falar? Com quem?

Qual a saída?

Tenho aprendido que a saída é estar de forma diferente no mundo.

Abrir espaço para novas interpretações que emergem durante a vivência de uma escrita autoetnográfica performática na pós-graduação corrobora o potencial dessa metodologia científica (auto)investigativa e disruptiva na área da Saúde, de modo a desvelar reproduções hegemônicas a respeito de abortamentos e lutos, antes, durante e pós-pandemia.

Para vivenciar esta performatividade, foi de extrema importância o potencial terapêutico do yoga (Carvalho; Barros, 2025) atrelado à autoetnografia performática. O conhecimento corporificado desse binômio se deu como um repertório para acolher e elaborar as experiências de abortamentos e lutos, como uma possibilidade de atravessar/borrar fronteiras e dar novos significados aos eventos.

A possibilidade de alargar as fronteiras com o binômio yoga-autoetnografia me livra de ser normal.

Uma oportunidade de (re)pensar,
sobre questões hegemônicas que são reproduzidas,
sobre fronteiras que quero alargar,
sobre nós, eu com elas(es) (Raimondi *et al.*, 2020),
sobre (des)construções!

Meu corpo se desdobra em pedaços e se recompõe continuamente, numa constante contração e expansão, num movimento em diversas direções e fronteiras. Deixo meu corpo agir, sentir... Isso me leva a dissolver lugares internos de abortamentos e lutos estabelecidos, silenciados, naturalizados.

Em que lugar estou agora?

Gosto do conceito de lugar que é dado como uma série de processos marcados pela fluidez, pelo fluxo e pelo movimento, os quais impactam sobre os modos como nos posicionamos no mundo. Com atenção para a compressão tempo-espaço sobre aquelas(es) que estão submetidas(os) e não no controle desses fluxos e movimentos desiguais (Hall, 1997). Em um mundo de degraus que norteiam as relações humanas, os abortamentos e lutos, como uma membrana permeável de possibilidades, de fronteiras e disputa de poder.

Sigo passo a passo...

Sigo com os passos de Luiza. A filha que pode nascer a partir de mim e me estimula a seguir seus movimentos, a contar afetações e questionar padrões hegemônicos na pós-graduação. Apesar dos outros bebês não terem nascido a partir de mim, provocaram-me a maternidade e a necessidade de ampliar fronteiras.

Figura 1 - Movimentos de Luiza.



Fonte: arquivo dos autores (2025).

Referências

- ALEXANDER, Bryant Keith. Performance ethnography: the reenacting and inciting of culture. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 2005. p. 411-442.
- ANZALDÚA, Gloria. Rumo a uma nova consciência. **Estudos Feministas**, v. 13, n. 3, p. 704-719, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015>
- ASSUNÇÃO, A. T.; TOCCI, H. A. Repercussão emocional do aborto espontâneo. **Revista de Enfermagem UNISA**, v. 4, p. 5-12, 2005.
- BARBOZA, Juliana *et al.* Os desafios impostos pela pandemia de Covid-19 na pós-graduação brasileira e seus impactos na execução de projetos de pesquisa. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 20, n. 41, p. 1-16, 2025. DOI: <https://doi.org/10.21713/rbpg.v20i41.2193>

BENTES, Anna Christina; MORATO, Edwiges. Expressões de violência verbal e reflexividade face ao modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de Covid-19. **Calidoscópico**, v. 19, n. 1, p. 18-31, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.02>

BENTES, Anna Christina; ARMANI, Fernanda Helena; NOBRE, Karina Cristina. Impactos da pandemia de covid-19: compreendendo as percepções dos estudantes de graduação da Unicamp. **Linha D'Água**, v. 37, n. 3, p. 373-396, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v37i3p373-396>

BERNARDI, Mariana L. D. *et al.* Yoga: um diálogo com a Saúde Coletiva. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, e200511, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.200511>

BOUSSO, Regina Szytli. A complexidade e a simplicidade da experiência do luto. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 24, n. 3, 2011. Editorial. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002011000300001>

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de atenção à gestante: a operação cesariana**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_gestante_operacao_cesariana.pdf. Acesso em: 8 fev. 2026.

BRILHANTE, Aline Veras; MOREIRA, Claudio. Formas, fôrmas e fragmentos: uma exploração performática e autoetnográfica das lacunas, quebras e rachaduras na produção de conhecimento acadêmico. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, n. 59, p. 1099-1113, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0130>

CÂMARA, Victor Mayer dos Santos. **Adoecimento e atendimento psicológico de pós-graduandos**: perfil, queixas e fatores associados aos sintomas de ansiedade. 2020. Dissertação (Mestrado em Saúde) – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufvjm.edu.br/items/058ded14-bb6d-492f-91b2-4ee0613bcf16>. Acesso em: 8 fev. 2026.

CAMAYO, Fabiana; MARTINS, Lilian; CAVALLI, Rodrigo. Perda gestacional retida: tratamento baseado em evidência. **Femina**, v. 39, n. 1, p. 50-56, 2011.

CARVALHO, Rodrigo Alves; BARROS, Nelson Filice. Quarentena como retiro: práticas meditativas no contexto de pandemia. **Gestão & Cuidado em Saúde**, v. 1, n. 2, e13875, 2025. DOI: <https://doi.org/10.70368/gecs.v1i2.13875>

CONQUERGOOD, Dwight. Performance studies: interventions and radical research. **TDR: The Drama Review**, v. 46, n. 2, p. 145-156, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1162/105420402320980550>

DANTAS, Cláudia de Rezende *et al.* O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, n. 3, p. 509-533, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5>

DENZIN, Norman K. **Interpretative autoethnography**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 2014.

DENZIN, Norman K. **Performance autoethnography**. Nova York: Routledge, 2018.

DIAS, Érika. A educação, a pandemia e a sociedade do cansaço. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 29, n. 112, p. 565-573, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362021002901120001>

DIVERSI, Marcelo; MOREIRA, Claudio; OLIVEIRA, Beatriz Silva Costa Matos. Autoetnografias dos entre-mundos: partindo de uma pedagogia freireana da esperança para expandir narrativas e políticas de inclusão. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 37, e21304, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21304.a>

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony Edward; BOCHNER, Arthur Paul. Autoethnography: an overview. **Historical Social Research**, v. 36, n. 4, p. 273-290, 2011.

EMÍDIO, Thaís Silva; GIGEK, Tatiane. Elas não querem ser mães: algumas reflexões sobre a escolha pela não maternidade na atualidade. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**, ano 11, ed. 2, p. 186-197, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18379/2176-4891.2019v2p.186>

FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 19, n. 1, p. 97-105, 2013. DOI: <https://doi.org/10.18065/rag.2013v19n1.12>

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ; INSTITUTO NACIONAL DE SAÚDE DA MULHER, DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE FERNANDES FIGUEIRA. **Atenção humanizada ao abortamento**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2018. 16 p. [Apresentação]. Disponível em: <https://arca.fiocruz.br/handle/icict/29903>. Acesso em: 10 fev. 2026.

FURTADO, Bárbara Taciana; CIMBLERIS-ALKMIM, Ana; LIMA, Felipe Augusto dos Santos Oliveira; RAMALHO-DE-OLIVEIRA, Djenane. Autoetnografia colaborativa em tempos de pandemia: uma experiência de ensino-aprendizagem terapêutica e decolonial. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, e210140, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.210140>

GAMA, Fabiene; RAIMONDI, Gustavo Antonio; BARROS, Nelson Filice. Apresentação – Autoetnografias, escritas de si e produções de conhecimentos corporificadas. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 37, e21300, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21300.a>

HALL, Stuart. The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. *In*: THOMPSON, Kenneth (ed.). **Media and cultural regulation**. London: Sage Publications, 1997.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: as perspectivas dos estudos culturais. Organização de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HERMÓGENES. **Autoperfeição com Hatha Yoga**: um clássico sobre saúde e qualidade de vida. Rio de Janeiro: Editora Nova Era, 2009.

KAIN, Victoria Jane. An exploration of the grief experiences of neonatal nurses: a focus group study. **Journal of Neonatal Nursing**, v. 19, n. 2, p. 80-88, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jnn.2012.04.001>

LE MOS, Luciana Ferreira de Souza; CUNHA, Ana Carolina Barbosa. Concepções sobre morte e luto: experiência feminina sobre a perda gestacional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 4, p. 1120-1138, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001582014>

LIMA, José Eduardo Ribeiro. **Vozes do silêncio**: cultura científica: ideologia e alienação no discurso sobre vivissecção. São Paulo: Instituto Nina Rosa, 2008.

MAIA, Bruno Ramos; DIAS, Paula Cristina. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de Psicologia**, v. 37, e200067, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>

MARINHO, Juliana; GUAZINA, Fernanda; ZAPPE, Janice. Experiências de ser estudante universitário em tempos de pandemia: mudanças, adaptações e perspectivas compartilhadas. **Educação e Pesquisa**, v. 49, e267797, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349267797por>

MARTINO, Maria Di. Mal-estar, sofrimento e sintoma, de Christian Dunker. **Stylus**, n. 33, p. 281-288, 2016.

MATTOS, Cláudia Lúcia Grion; SANTOS, Ana; GRION, Vanessa. Autoetnografia: self, identidade e reflexão como categorias de análise em etnografia. **Cadernos de Pesquisa**, v. 31, n. 2, p. 1-28, 2024. DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v31n2.2024.24>

MÁXIMO, Maria Eugênia. No desligar das câmeras: experiências de estudantes de ensino superior com o ensino remoto no contexto da Covid-19. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, v. 21, n. 2, p. 235-247, 2021. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39973>

MENEZES, Maria Marcia; COSTA, Paulo de Andrade. O ensino superior: as Antígonas de nosso tempo pandêmico e o agravamento das desigualdades sociais. **Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade**, v. 10, n. 1, p. 101-116, 2021. DOI: <https://doi.org/10.9771/re.v10i1.37949>

MOREIRA, Claudio. Fragments. **Qualitative Inquiry**, v. 14, n. 5, p. 663-683, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1177/1077800408314344>

MUZA, Júlia Costa; SOUSA, Erica Nascimento de; ARRAIS, Alessandra da Rocha; IACONELLI, Vera. Quando a morte visita a maternidade: atenção psicológica durante a perda perinatal. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 15, n. 3, p. 34-48, 2013.

NAZARÉ, Bárbara; FONSECA, Ana; PEDROSA, Anabela Araújo; CANAVARRO, Maria Cristina. Avaliação e intervenção psicológica na perda gestacional. **Peritia**, v. 3, p. 37-46, 2010.

NEGRO, Virginia. De Brah, Avtar. Cartografias de la diáspora. **Revista de Estudios Sociales**, n. 49, p. 223-225, maio/ago. 2014. DOI: <https://doi.org/10.7440/res49.2014.19>

NUNES, Tales. **Esquecimento do ser: o yoga como lembrança**. São Paulo: Vida de Yoga, 2021.

OLIVEIRA, Wellington. **Pensar sensações para sentir pensamentos: deslocamentos de uma autoetnografia**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

PANTOJA, Paulo Diego; CHIESA, Gabriela Rodrigues. Yoga: um método-chave para o cuidado de si e do outro. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 32, n. 3, e320308, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312022320308>

PEREIRA, Flávia Liparini. **Estudos culturais em saúde e o evento da saúde sexual para ginecologistas, terapeutas tântricas e trabalhadoras sexuais**. 2023. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

PIERRE, Wilfried; LELOUP, Jean-Yves; CREMA, Roberto. **Normose: a patologia da normalidade**. Petrópolis: Vozes, 2017.

POLLOCK, Della. Performing writing. In: PHELAN, Peggy; LANE, Jill (org.). **The ends of performance**. Londres: Routledge, 1998. p. 73-103.

POÓ PUERTO, Claudia. Qué puede un cuerpo (impaciente): reflexões autoetnográficas sobre el cuerpo y la enfermedad. **Athenea Digital**, n. 15, p. 149-168, 2009. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/athenea.635>

RAIMONDI, Gustavo Antonio *et al.* A autoetnografia performática e a pesquisa qualitativa na Saúde Coletiva: (des)encontros método+lógicos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 12, e00095320, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00095320>

RAIMONDI, Gustavo Antonio. **Corpos que (não) importam na prática médica**: uma autoetnografia performática sobre o corpo gay na escola médica. 2019. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

RAIMONDI, Gustavo Antonio; MOREIRA, Claudio; BARROS, Nelson Filice. O corpo negado pela sua “extrema subjetividade”: expressões da colonialidade do saber na ética em pesquisa. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, e180434, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/Interface.180434>

SALVO, James. Thinking through rejection: reflections on writing and publishing autoethnography. *In*: ADAMS, Tony E.; HOLMAN JONES, Stacy; ELLIS, Carolyn (org.). **Handbook of autoethnography**. 2. ed. London: Routledge, 2021.

SANTOS, Silvio Mateus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.113972>

SOUSA, Thais Bezerra Evangelista; LINS, Ana Carolina Albuquerque de Andrade. Repercussões psicológicas da gestação em curso em mulheres com histórico de perda. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 15, n. 2, p. 1-15, 2020.

SPRY, Tammy. A “performative-I” copresence: embodying the ethnographic turn in performance and the performative turn in ethnography. **Text and Performance Quarterly**, v. 26, n. 4, p. 339-346, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/10462930600828790>

SPRY, Tammy. Performing autoethnography: an embodied methodological praxis. **Qualitative Inquiry**, v. 7, n. 6, p. 706-732, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1177/107780040100700605>

SPRY, Tammy. Who are “we” in performative autoethnography? **International Review of Qualitative Research**, v. 10, n. 1, p. 46-53, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1525/irqr.2017.10.1.46>

VESCOVI, Gabriela; LEVANDOWSKI, Denise Cardoso. Percepção sobre o cuidado à perda gestacional: estudo qualitativo com casais brasileiros. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, e252071, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003252071>